

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

**SOBRE EDUCAÇÃO, DOAÇÃO DE ÓRGÃOS E SOLIDARIEDADE:  
CONSTRUÇÃO DE POSSIBILIDADES A PARTIR DAS NECESSIDADES<sup>1</sup>  
ON EDUCATION, ORGAN DONATION AND SOLIDARITY: BUILDING  
POSSIBILITIES FROM THE NEEDS**

**Juliana Vani<sup>2</sup>, Claudionei Vicente Cassol<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Parte da pesquisa que será desenvolvida no decorrer do curso de Pós-Graduação em Ed. nas Ciências - Mestrado e Doutorado -UNIJUI, como propósito pensar o currículo escolar no horizonte da educação para o amor, a doação e as atitudes solidárias. Discussões nos grupos de estudo BIOSOFIA-URI e GEEP

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências- UNIJUI. Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa GEEP ? Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais- UNIJUI. Integrante do grupo de pesquisa Biosofia - (Pesquisa e Estudos em Filosofia) URI-FW

<sup>3</sup> Professor na URI, Campus de Frederico Westphalen-RS, e no CE Dr. Dorvalino Luciano de Souza, em Cerro Grande-RS. Integrante do Grupo Biosofia (Pesquisas e Estudos em Filosofia) .

Autora: Mestranda Juliana Vani

Coautor: Prof. Dr. Claudionei Vicente Cassol

Orientação: Prof<sup>a</sup> Dra. Maristela Borin Busnello

RESUMO: A condição humana se apresenta nas atitudes que os indivíduos estabelecem nas relações com os outros e com o meio, por isso, a interação é essencial à vida pública, destaca-se na hipótese desta reflexão. Na modernidade, a subjetividade dirige-se para o consumismo que influencia e promove segregações e minimiza o valor da vida humana. Nas operações mercadológicas, os laços humanos são esfacelados em nome das estruturas de poder e lucro. Isso suscita a percepção de que os sentimentos são mercantilizados e os relacionamentos, a felicidade, a realização sucumbem diante da overdose da cultura de consumo. De alguma forma a modernidade legou uma modernidade líquida hedonisticamente egoísta. Compreender porque os indivíduos parecem buscar uma vida intensa, mas sozinhos, distante dos problemas do mundo e do/a outro/a que, na verdade, não está distante, é uma manifestação do “eu”, um alter ego, institui-se como um objetivo. Deste modo, o desejo pela satisfação instantânea é fiduciário do empobrecimento e indiferença existencial, pois, percebe-se a fragilidade no esforço pessoal em direção ao mundo que compartilhado. Os vínculos humanos, o respeito, a valorização e o reconhecimento, deixam de ser essenciais e podem ser rompidos rapidamente, o que desautoriza a solidariedade e, com ela, dificulta a percepção da valorosa gestualidade da doação de órgãos, mas que pode ter reversão também pela ação educadora, é a proposta de estudo e a questão central. Se o comércio neoliberal, criatura monstruosa do capitalismo pós-industrial, volátil e flexível,

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

ampara a sociedade consumista, esvazia as possibilidades de aproximação com o/a outro/a, com o estranho e produz afastamentos, não diálogos, esse individualismo se prolonga, acredita-se, até o momento em que as angústias, as dificuldades e as limitações do/a outro/a passam a ser as do próprio indivíduo ou, então, a tocar os indivíduos mais próximos. Gesta-se, desse movimento, a possibilidade germinal da doação de órgãos como efetiva solidariedade e ação grandiosa de educação, pois se trata de duas situações limites: uma vida que se encerra e outra que também pode ter fim; mas duas vidas que podem continuar em um mesmo indivíduo.

**PALAVRAS- CHAVE:** Condição humana. Aprendizagem. Individualidade. Sociedade Consumista. Solidariedade.

**ABSTRACT:** The human condition is performed by the people's acts in which ones the people set its relations to the others and to the environment, for this reason, the interaction is essential to public life; this is the point developed in our work. In the modernity, the subjectivity reach the consumerism, which influences and promotes the segregation and minimalize the human life worth. In the market operations, the human links crumble before the power structure and the profit. This situation raises the perception of the commercialized feelings, so the relationships, the happiness and the achievement yield before the exaggerated consumerist culture. In some way, the modernity bequeath the liquid modernity, hedonistically selfish. So, we need to think about the people prefer look for an intense life, but alones, far away from the world and the other problems, that is, in fact, is not distant, it is a manifestation of the "self", an alterego, as and end closes in itself. Therefore, the desire of the instantaneous satisfaction and it is a proof of the impoverishment of the indifference existential, because is notable the fragility of the personal effort toward the shared world. The human bound, the respect, the valorization and the recognition are no longer essentials and could be quickly broken, this situation disallows the solidarity, and it hamper the perception of the value of the organ donation; but this situation could be reversed by the educational act; this is what we set as central point of this paper. If the neoliberal commerce, monstrous creature created by the post-industrial capitalism, stands the consumerist society, empties the possibility of bring people together, mainly with the strange. In addition, this situation increase the distances and the individualism, and makes the dialogue difficult; this is notable until the moment that the anguishes, the difficulties and the limitations of the other becomes the person's issues, or when these situations touch the people around. From this movement, the organ donation is put as a possibility of solidarity and educational act, because that is two extremes linked one to another: a life in its ending and another one in the same way; but two lives that may continue in the same person.

**KEYWORDS:** Human condition. Learning. Individuality. Consumerist society. Solidarity.

Palavras iniciais

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

Os tempos nos quais vivemos - para Zygmunt Bauman, são o mundo que compartilhamos - caracterizam-se por fortes apelos consumistas. Se seguirmos no lastro teórico de Bauman, podemos pensar nos sentidos ampliados de consumos que o filósofo social desenvolve em suas obras: consumo exagerado de produtos, tanto de bens quanto serviços, consumo de relações, consumo de pessoas e, também, consumo de recursos naturais. A era é de consumismo como uma manifestação desta impossibilidade em outros tempos. Talvez seja o florescer da liberdade, das subjetividades e a sensação de poder desfrutar do mundo, dos recursos, dos bens produzidos pelo atual estágio do progresso desencadeado pelo potencial capitalista. Na lógica consumista, as pessoas, igualmente, se tornam objetos de consumo e consomem, com esta mesma voracidade, o sentido de solidariedade, de continuidade da vida enquanto humana e do planeta. Deste modo é desencadeado um processo de comprometimento das gerações futuras, do planeta, das pluralidades e daquilo que se denomina ecobionomia, na concepção de Leonardo Boff.

Para pensarmos a diversidade e a condição humana na perspectiva das relações educativas, tematizamos neste ensaio, a problemática social e ética da doação de órgãos. compreendemos que a doação de órgãos se insere na temática da XXIV Jornada de Pesquisa porque o desenvolvimento sustentável se efetiva com a concretude da solidariedade. Em nossa compreensão, solidariedade implica o envolvimento humano em compromisso ininterrupto com o outro e com o ambiente, em aproximação teórica com Bauman, Lévinas e Boff. Nesta linha de pensamento, podemos dizer com Bauman (2008) que nossa sociedade é de consumidores e isto expressa que a essência da vida humana tem sido o consumo marcado pela irracionalidade. Este aspecto já havia sido denunciado por Louis Althusser ao ver que há apelos sistêmicos com força para promover, encorajar e reforçar as escolhas de um estilo de vida com funcionalidades consumistas. Ao colocar-se nesta condição radical, o indivíduo passa a rejeitar todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade que se adapta aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada, declara-se desolada, irracional e assume uma condição de afiliação (BAUMAN, 2008, p. 71).

Tematizar a doação de órgãos na sociedade atual parece dar-se no mesmo nível do enfrentamento do anti-consumismo. Portanto, navega-se, nesta reflexão, no oposto à maré da liquidez de valores para debater que o descaso com a sustentabilidade e a irracionalidade no consumismo reflete-se, na mesma intensidade, nas gestualidades humanas que conduzem a condição humana para a morte anunciada, para a obsolescência programada também da existência humana, da vida em sociedade. Nestes termos, a sociedade se transforma em um mercado e tem as pessoas como mercadorias em movimentos constantes para que se sintam adequados e não desatualizados, que possam sempre buscar satisfação de seus desejos e para ser desejado. Mesmo que essa sensação de plenitude seja fugaz e motivadora de novas ações consumistas.

Líquidas relações: ambivalências da condição humana

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

As relações e a falta delas, tanto dos humanos entre si quanto dos humanos com o ambiente todo e as instituições (CASSOL, 2008) expressa a compreensão filosófica que ampara e embasa as atitudes e ações humanas. Ao realizarmos uma análise neste sentido, aos direitos e deveres dos indivíduos, podemos reconhecer o direito de viver, viver com dignidade, considerado um primeiro direito e uma primeira necessidade e desejo. No parece que se este for negado, todos os demais o serão também. O que pensar, no princípio do século XXI, acerca das vidas mal vividas? São vidas? São humanas? E a escola, as instituições sociais, o Estado, onde encontrar e/ou resgatar a função central? Compreendemos o fazer educativo como momento de proporcionar compreensões e reflexões, indicar aos indivíduos, ainda que minimamente, possibilidades para conhecer e reconhecer seus espaços no mundo, no cosmos, através do direito de aprender, ensinar e educar. A condição humana é ambivalente e totipotente; isto lhe abre a infinitude caminhos. A dimensão educadora se apresenta como possibilidade de alguma formação que visualize solidariedade, racionalidade e afetividade.

Ao percebermos que as relações humanas, os laços sociais no mundo atual, se superficializam e os indivíduos se dirigem para buscas desenfreadas de satisfação pessoal, de bem-estar individual e, por isso, consomem em exagero, parece haver a supressão de humanidade em gestos e formações dos homens e mulheres com os/as quais compartilhamos o mundo. A busca pela quantidade e não qualidade de vida e o desejo de satisfação instantânea expõem os humanos imersos no empobrecimento existencial e revela o adocimento das relações sociais e afetivas e fragiliza o vínculo que nos faz, enquanto espécie, distinta dos demais seres: o valorizar, pré-ocupar-se e cuidar de si e do outro. No embalo desse descuido, o esquecimento do nosso ninho, o macro e o micro ecossistema, expõe a nossa casa e parece caracterizar “quem” ou “o quê” somos/nos tornamos de fato.

Concordamos com Bauman (2004) ao escrever que nesse mundo que compartilhamos, as relações se dissolvem facilmente, se tornaram incertas, momentâneas. O outro é visto como um bem de consumo, um objeto inserido na obsolescência programa e pode ser descartado a qualquer momento quando indivíduos a sua volta julgarem ser conveniente. Concordamos, igualmente, com Morin (2011, p. 330) que, neste mesmo sentido, escreve que

O dinheiro e o lucro propagam-se em domínios anteriormente reservados à gratuidade, ao serviço prestado, à troca, à dádiva, e suscitam em alguns a bulimia do dinheiro; em outros, a angustia de sua falta. “Antigamente, o que tinha valor não tinha preço; hoje, o que não tem preço não tem valor” [...]. A sede de posse e a sede de consumo transformam-se em formas de adição que recalcam uma angústia existencial que sempre renasce.

A liquidez das relações humanas promovida pela modernidade em seu estágio atual parece omitir

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

a situação de mercado que opera no conjunto social e institucional: os indivíduos se encontram, com todas as suas vivências, em uma grande bolsa de valores, negociando a si mesmos e inconscientes do que fazem. Pode ser essa a aposta que Gadamer (2005) debate porque nesse mesmo jogo, os indivíduos jogam com os outros e o mundo. A modernidade líquida abriu as torneiras e, silenciosamente, também os ralos; contemplamos o mundo que desponta no aguaceiro novo, torrencial e potente e, ambivalentemente, não percebemos que, de costas para o futuro (BAUMAN, 2017), a humanidade pode seguir para o sumidouro, engrossando o contingente de dejetos.

A fragmentação das relações sociais é consequência do egoísmo, da desconstrução de vínculos e da convivência humana. As peculiaridades negativas do consumismo prejudicam e transformam a convivência e as relações sociais em mercadorias. Para Bauman (2009), com o qual concordamos, nossa existência constitui vidas fragmentadas e com relacionamentos fragilizados. Os humanos, dessa maneira, existem no precariado, vivem precariamente, sem consciência de seu próprio valor. Decorre que o outro é, também, considerado obsoleto. Deste modo, o mundo que compartilhamos, mergulha em uma indiferença existencial, pois não há esforço pessoal nem coletivo. Morin (2015, p. 76) parece enriquecer esta concepção ao ver que “a incompreensão em relação ao outro suscita a incompreensão do outro em relação a nós mesmos”. Para ele, é importantíssimo criar vínculos, ter respeito mútuo, valorizar e reconhecer o indivíduo, as relações e, desta forma, buscar auto-identificar-se e desenvolver empatia.

Pode-se dizer que os relacionamentos passaram a ser mercantilizados, compreendidos como investimentos. As interações humanas, as relações, a convivência, os laços, se tornaram raros. Bauman (2011, p. 27) evidencia estas problemáticas no alerta: “O que se perde é a intimidade, a profundidade e durabilidade da relação e dos laços humanos”. Portanto, os valores humanos se tornaram vulneráveis tanto quanto a responsabilidade e o compromisso com o outro. Acreditamos que Bauman chama a atenção porque esses comportamentos emergem do egoísmo e do individualismo que o capitalismo intensifica pela fluidez das relações.

O sistema sócio-econômico como força propulsora da cultura de não-doação

Assim como o consumo favorece, de alguma forma, uma sistematização das relações sociais, mesmo que com sentido negativo, une os indivíduos para ações comuns, massivas, incentiva, com mesma intensidade, a segmentação de atitudes solidárias, pois, a dificuldade de colocar-se no oposto da correnteza é notória em tempos de comportamento de gado, como denuncia o poeta Zé Ramalho. Para Bauman, assim como para F. Jameson e Richard Sennett, o atual estágio do capitalismo, genitor do neoliberalismo e incestuosamente com ele relacionado, produz necessidades nos indivíduos, logo após defenderem a concepção do individualismo. Enfraquecidos os laços sociais, escoam-se, também, as atitudes altruísticas e viabiliza-se, sistemicamente,

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

comportamentos controlados, manipuláveis a pretexto de liberdade.

Esquecer o outro e suas necessidades é fonte geradora de prazer e imprime sensação de tranquilidade e existência pacífica, tranquila. Adicionando aos comportamentos irascíveis financiados pelo neoliberalismo e seus apelos consumistas, a globalização pelas redes sociais e o volume de propagandeamentos alardeados ininterruptamente, fecha-se o ciclo da formação – também uma espécie de educação – dos indivíduos para o distanciamento a todas as preocupações e promoções de satisfação que não egocêntricas. Cabe adicionar ainda o fato novo vivenciado nos últimos dois anos das virtualidades fakes. Em meados do século XX, George Orwell apresentava a denúncia acerca de uma educação/formatação para a aceitação de todas as ideias, concepções, ações e interferências do poder determinado a manipular e reconstruir o mundo, as verdades e as pessoas a partir de padrões unilaterais.

A doação de órgãos, na lógica do pensamento mercadológico, ultraliberal, não atende as prerrogativas do capital flexível e volátil do mundo que, nestes tempos, compartilhamos. Os direcionamentos indicam para o empreendedorismo que carrega em suas veias, o forte apelo do lucro, do comércio. Na perspectiva baumaniana, “A cultura consumista é marcada por uma pressão constante para que sejamos alguém mais” (BAUMAN, 2008, p.128), não no coletivo, na construção conjunta, mas no isolamento, o que torna as relações líquidas, mais frágeis e mais voláteis. Nas sociedades individualizadas, assim como “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria [...]” (BAUMAN, 2008, p. 20). Assim como afirma Bauman (2008), os sujeitos consumidores, tornam-se mercadorias da própria sociedade. O indivíduo para sentir-se realizado busca algo que o satisfaça; o consumismo passa a ser primordial na satisfação individual, na formação da personalidade, da identidade e de comportamento. Desse modo, os vínculos humanos deixam de ser essenciais e podem ser rompidos rapidamente. Além disso, os desgastes dos vínculos humanos são propulsores do isolamento. Essa vida consumista, volátil, facilita para a mudança de comportamentos dos indivíduos e da sociedade, o sucesso passa a ser relacionado ao que o sujeito consome.

O modo de vida no estágio atual do capitalismo pós-moderno e do neoliberalismo, instiga a insensibilidade em relação ao sofrimento do outro e, enfraquece a solidariedade. Perdeu-se o interesse na qualidade das relações, dos laços humanos, e passou-se a valorizar as relações que não exigem esforço, mas satisfação imediata. O capitalismo contribui para o desejo ilimitado. A realização do eu pela autoafirmação dos indivíduos, busca ter mais bens, e assim se destacar diante dos outros, mesmo que muitas vezes, rompe os vínculos e compete para esquecer a solidariedade, a harmonia, a mutualidade e os laços humanos. Essa ambição pelo consumo pode saciar seus desejos imediatos, mais irascíveis e superficiais, mas o espírito nem sempre estará satisfeito. Esta vulnerabilidade torna os indivíduos alvos fáceis do capitalismo: indivíduos alienados e de fácil manipulação, instigados a consumir sempre mais, sem pensar crítico-reflexivo, sem sentir e perceber o mundo no qual vivem. No ensinamento de Bauman (2008, p. 76, grifos no original), “Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

preocupação do consumidor, mesmo em que geral latente e quase nunca consciente”.

Acreditamos que a cultura da dificuldade na doação de órgãos advém não da prática comum de não efetivar o gesto de aproximação com o outro, com as suas necessidades e angústias, mas da sensação de apego ao bem que o indivíduo se autoapresenta no fetiche da mercadoria. Um círculo de emulação do próprio corpo que assume, neste horizonte, a condição, ainda que remota, da potencialidade de lucro, de mercadorização, de propriedade. Contudo, compreendemos, com Singly (2006), desde o horizonte da ambivalência, que mesmo no individualismo ainda há possibilidades do inusitado, do aleatório, da novidade e, portanto, do desencadeamento de atitudes de vão de encontro ao outro, mesmo que seja pela necessidade do próprio “eu”, do reconhecimento das dificuldades do indivíduo sobre si mesmo. Paralelo a esta potencialidade e possibilidade da consciência da necessidade do outro diante da visualização da necessidade do próprio “eu” como algo que fragiliza a propriedade do indivíduo e, potencialmente, a propriedade, a possibilidade de vida/existência do outro, pode apresentar caminhos no acontecimento da solidariedade e, conseqüentemente, da abertura a gestos e atitudes de doação de órgãos.

Paralelo ao evento da consciência pela necessidade, carência, do “eu”, pode ocorrer o florescimento da solidariedade via educação. As influências externas, o aprendizado na relação com o coletivo, podem suscitar reconhecimentos das necessidades e valores e despertar para o compromisso com outros indivíduos, com a coletividade. A compreensão da dinamicidade da existência e da sua dialeticidade – a existência é conflito permanente, movimento de oposição, na compreensão de Heráclito e, também, de Bauman, Singly e de Pedro Demo (2006) – ativa o mundo dialógico e as ferramentas das possibilidades. As atitudes que educam, transformam compreensões e ampliam o aprendizado significativo, podem seguir caminhos diversos de gênese, tanto internos – de auto-compreensão – quanto externos – por mediação –.

Assuntos como “morte” e “doação de órgãos” devem ser introduzidos com mais naturalidade nos lares, pois esclarecer sobre a própria vontade é, sem dúvida, o melhor caminho para que o desejo de solidariedade seja respeitado, assim como para que se evite mais uma angústia para a família no momento da perda: a de ter que decidir por seu ente querido algo tão importante (GARCIA, 2015, p. 188).

Ao ocorrer mudanças nas formas essenciais de compreensão do indivíduo e a conseqüente alteração de atitudes, elas tendem a ampliar-se para outras dimensões que não, exclusivamente, àquela que motivou/despertou a novidade, o conhecimento. Parece que conseguir ver de modo diferente ativa a ampliação constante de visualização diferenciada desde o indivíduo até o social e/ou desde as externalidades até as subjetividades. Desse modo, a crítica ao mundo, de modo contextualizado e, além de ampliado, em constante ampliação, se prolonga como sede de conhecimento. Pensamos que aí reside uma potencialidade da educação e da autoeducação que

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

pode ser, também, debate e reflexão, diálogo, abertura e compreensão das potencialidades da condição humana. Então, pode ser tanto processualidade hermenêutica, de apreensão/busca de sentidos, quanto dialética, diálogo, conflito, oposições, que acolhem a novidade da existência com o calor da vida.

Essas compreensões, tanto da autoeducação, como a assimilamos, quanto da educação advinda com o conhecimento e as relações com o outro/o exterior, não se dão de modo osmótico e/ou espontâneo; exigem esforço, operações de pensamento e envolvimento integral do indivíduo e dos indivíduos em suas relações. Porém, na compreensão de Singly e de Bauman, com as quais nos associamos, as possibilidades se apresentam e são visualizadas/gestadas na diversidade daquelas se desenvolvem hegemonicamente. É neste sentido que vemos o capitalismo em seu estágio consumista, de influência intensa, definindo as existências dos indivíduos e do mundo que compartilhamos; mas é desse mesmo lugar que vemos as alternativas para compreender quão difíceis, terríveis e necrófilos têm sido essas trilhas tateadas egoistamente na escuridão dos isolamentos.

As travessias se mostram possíveis e necessárias no contexto das circunstâncias

Assumir que nossa cultura é egoísta e competitiva que, por vezes, parece impossível conhecer as causas, as razões e os comportamentos que tornam o indivíduo egoísta, que para a grande maioria da humanidade, o valoroso é satisfazer desejos, necessidades, interesses, que, a sociedade pode ser dividida maniqueisticamente e a plenitude está no consumo, pode ser um primeiro movimento para a construção de uma percepção uniformizada da existência. Porém, qualquer decisão e compreensão terá dificuldades em ser pacífica, tranquila e duradoura. A dinâmica da existência confronta o “eu” com a realidade adversa, com as oposições e forças explicações, posturas, buscas por legitimações. Parece que este movimento de assegurar-se tanto em uma posição teórica quanto em um contexto concreto, começa a exigir um pensar acerca do que cada indivíduo considera é ser bom para si e, pode opor-se ao ser bom para o outro. As circunstâncias, compreendemos, parecem contribuir muito na definição do que se pode continuar a acreditar e naquilo que se deve continuar a fazer.

Bauman (2005) parece propor que é preciso estabelecer e caminhos para a idealização de sujeitos pós-modernos menos egoístas e mais humanos, que valorizem, considerem e entendam o outro e a sua comunidade a partir de si próprio. O “outro” é visto como uma ameaça para o “eu”. Esse amor egocêntrico torna-se um produto do corpo, dos órgãos e da vida. A desconfiança de atitude é atribuída, por Bauman (2005), como individualismo moderno, que influencia na personalidade, no comportamento e na conduta dos indivíduos. O sujeito individualista, de acordo com Bauman (2008), não pode ser considerado egoísta, ou seja, esse indivíduo tem prazer em realizar suas atividades sozinho, no enalço de suas peculiaridades, de sua própria personalidade. Ele pode

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

conhecer e reconhecer seus limites, seus direitos e seus deveres. Enquanto o sujeito egoísta busca mais para si do que pode oferecer, espera do/e pelo outro.

Como seres humanos temos direitos, e um deles refere-se ao direito natural de ser livre, ter autonomia, ser independente. Essa independência, ou o tornar-se livre, pelo qual se lutou tanto e que a modernidade nos permitiu apropriação, depende de nós; da forma como os indivíduos se sentem e de como o outro/a outra é visto/percebido e compreendido. Que sentido ele desperta, assume, para nós. Enquanto na modernidade sólida os indivíduos se preocupavam, de alguma forma com o contexto coletivo, na pós-modernidade, o bem-estar coletivo é desbancado pelos interesses individuais. Os pós-modernos ocupam-se do desenvolvimento das vivências de suas subjetividades. Isto não é mau em si e é próprio da condição humana. Inclusive, nos tempos que compartilhamos, a vivência das demandas pessoais, subjetivas, é uma conquista em nome da liberdade. Porém, dessa possibilidade, não decorre, necessariamente, a perspectiva da acolhida do outro, o que dificulta a demonstração dos sentimentos e gestualidades de solidariedade. As relações ou a falta delas acabam marcadas pelo individualismo, pela busca do prazer, pela satisfação individual que resumem-se ao consumismo e às indiferenças com as questões da sociedade (BAUMAN, 2001).

Para Bauman (2004), em outro momento de sua obra, os sujeitos pós-modernos supervalorizam a liberdade individual, o que contribui para tornar sociedade pós-moderna individualista. Desencadeia-se uma busca de possibilidades de viver sem depender do outro, pois, a ideia do outro aparece como objeto de prazer e de satisfação, mais um bem de consumo, desprovido de individualidade. Essa era pós-moderna ou modernidade líquida, volátil, flexível, encontra-se em construção na ambivalência entre a liberdade e a segurança. Assim que estes elementos tocarem nas individualidades, despertam para a pluralidade de caminhos que a condição humana viabiliza. Na educação dessa condição humana parece residir a potencialidade da eleição de caminhos, de possibilidades, de alternativas com forças instituintes de pontes, de laços, de vínculos e de âncoras. Acreditamos nestas possibilidades porque também parece ser próprio da condição humana a busca pela felicidade e realização, conforme discutimos no decorrer deste texto.

Na compreensão de Garcia (2015, p. 197), ainda neste sentido,

É preciso educar a população com o apoio das diversas religiões e estimular a reflexão sobre o significado da doação de órgãos com base nos princípios de cada religião, pois quase todas têm os princípios da solidariedade e do amor ao próximo em comum, os quais caracterizam o ato de doar. Desse modo, admitem o transplante de órgãos, tecidos ou partes do corpo humano como avanço da ciência médica que salva muitas vidas. Portanto, a decisão de ser ou não doador deve ser baseada na consciência de cada um dos fiéis.

Quando situações inusitadas tocam o sentido profundo da existência individual, pessoal, e

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

comprometem a continuidade da possibilidade hedonística do indivíduo, a percepção e a acolhida do outro, da sua necessidade, da sua subjetividade/individualidade pode aparecer como semelhante e também necessária. Neste contexto se insere a doação de órgãos como atitude desenvolvida a partir da percepção individual, da experiência pessoal da necessidade, com potencialidade de ampliação desenvolve-se a solidariedade.

Doação de órgãos: a ética solidária a partir da finitude da vida

Ao pensarmos o processo educacional, compreendemos que ser ético significa ter caráter, moral, atitude, reflexão e bom senso. Da mesma forma, é ouvir e valorizar os saberes, os fatos, as ideias e as grandes concepções defendidas pelos sujeitos. Agir com ética é respeitar o que o outro tem a dizer, o seu comportamento, as suas interpretações, os valores, as condutas dos indivíduos. Agir com ética é ir além das preferências pessoais, individuais ou de grupo, porém, considerando os interesses de todos os sujeitos. Cassol (2014, p. 19) compreende que ética é a construção estabelecida diariamente, é concepção, discussão e reflexão crítica; é a problematização que busca a justiça, a equidade, a preocupação com o outro, a melhoria da qualidade de vida e a convivência. Ética pode ser compreendida, neste sentido, como a constante construção da condição humana com perspectivas da promoção da vida e da justiça. Deste modo, ética é conceber os valores e princípios do indivíduo, em interação com a vida social humana e cosmológica. A vida do outro afeta a do indivíduo de modo que há uma generalização do objetivo de viver e uma busca por viver da melhor forma possível. Parece que aí pode residir o germen da solidariedade.

A ética permite aos indivíduos, condutas positivas que possam ser pensadas na relação de crescimento, de promoção, continuidade e defesa da vida, como compreende Enrique Dussel (2002). A reflexão acerca das necessidades básicas, as primeiras e fundamentais dificuldades das pessoas, a autorreflexão dessas questões pode despertar para as possibilidades que existência apresenta a partir da pluralidade do mundo que compartilhamos. Os dilemas que a amplitude compreensiva da ética colocam no caminho das pessoas que estão dispostas a reflexões, o modo como cada indivíduo soluciona seus conflitos e enfrenta as dificuldades limites, parecem assumir forças educadoras porque têm a potencialidade de aproximar pessoas e seus interesses pela continuidade da existência; tão logo, a existência esteja, de alguma forma viabilizada, a qualificação das suas experiências passa a constituir as ações seguintes. cremos que o estabelecimento de qualquer percurso como garantidor da possibilidade de desenvolvimento da solidariedade onde se localiza a gestualidade profunda da doação de órgãos, é sempre um risco. A imprevisibilidade do desenvolvimento da condição humana e de sua factibilidade do mundo concreto não são de todo assimiláveis e, tampouco, compreensíveis. Não há um controle absoluto sobre o ser humano, somos conduzidos a esta crença a partir de autores como Singly e Bauman. Contudo, é esta mesma imprevisibilidade do comportamento humano, da potencialidade das

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

compreensões humanas que se desenvolvem desde as próprias vivências e experiências - imaginárias e concretas - que parece, por outro lado, desenvolver-se as superações, as transcendências.

A doação de órgãos enquanto tema de caráter ético, envolvido em circunstâncias morais, sociais, culturais e científicas, necessita de constantes abordagens, com ampla divulgação, informações adequadas, acessíveis e claras para atingir amplitudes tanto massivas quanto individuais, pessoais, particulares. São ensinamentos, aprendizados, conhecimentos que precisam tocar no ser do ser humano, no íntimo, na consciência (ROUSSEAU, 2004) e criar culturas germinais com a novidade da aproximação ao outro, das gestualidades concretas. Esses aprendizados, parecem se desenvolver a partir das percepções individuais e das significações que os próprios indivíduos incorporam de sentidos apreendidos na relação que estabelecem e com as intensidades que os enfrentamentos do cotidiano atingem as suas existências e essências. Em nossa compreensão, esses não são planos metafísicos mas antropológicos, biológicos e constituintes dos seres humanos. Desta formação constroem-se opiniões e atitudes, compreensões e gestos, no respeito às diversidades de todas as dimensões, crenças e valores, que implicam diretamente o indivíduo para a importância do ato vital de doação de órgãos.

A função social do corpo, no que diz respeito a ética da doação de órgãos, envolve situações delicadas e complexas. O ser humano pode interferir no momento do nascer e do morrer, nos processos naturais da existência, com ações culturais para prolongar vidas, antecipar nascimentos e, praticamente, garantir condições de vitalidade até o limite das possibilidades da biologicidade. Deste modo, parece ser necessário operar constantemente no sentido educativo - ampliando a inserção de instituições - para desenvolver concepções e apresentar possibilidades solidárias, despertar para as possibilidades que a existência apresenta e contribuir na adoção de concepções entre os indivíduos para que compreendam o alcance do comportamento ético, da dialogicidade da existência e das potencialidades da solidariedade como centrais no aprimoramento da condição humana. Deste modo, parece possível ser solidário e educar no respeito aos desejos de cada indivíduo, inclusive, trabalhar na perspectiva da doação de órgãos. Cada indivíduo tem direito a autonomia para decidir sobre a retirada ou não de seus órgãos - ainda em vida -, pela legislação, enquanto proprietário de seu corpo. Contudo, é preciso que compreenda, igualmente, a força do grande gesto com a doação de órgãos em situações de limites, tanto para quem doa, quanto para quem recebe. É a continuidade da vida e a existência concreta de uma proximidade com quem já não pode mais, pelas condições biológicas, continuar no mundo compartilhado. Esta solidariedade é radical, mas irmana porque um corpo perde o sentido sem o calor do espírito - *ânima* - *ánimus* - que o vivifica na convivência e o faz presença singular no mundo.

Em síntese, a solidariedade efetiva do grande gesto que dá vida. Doar órgãos é tão difícil quanto belo. Um ser singular, particular, pleno de significados e sentidos, na iminência de povoar apenas lembranças, pode permanecer e multiplicar-se

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

Para a doação de órgãos acontecer, compreendemos que o indivíduo precisa estar plenamente esclarecido/consciente dos conflitos éticos e pessoais e haver compreendido, com clareza, os processos que envolvem a gestualidade radical da doação; sejam médicos, religiosos, juristas, cidadãos e cidadãs. Acima de tudo, porém, nos parece que a vontade dos indivíduos deve ser respeitada e a dignidade humana garantida em sua integralidade. No entendimento de Moraes (2012, p. 638): “Segundo os princípios da bioética, indivíduos mal informados sobre o tema em questão não são capazes de decidir conscientemente se desejam realizar a doação de órgãos de seu ente falecido”. Esclarecer e informar são importantíssimas atitudes educadoras contribuintes no desenvolvimento da consciência do gesto forte de solidariedade. Estabelecer reflexões, debates, e despertar entendimentos sobre a doação de órgãos nas dimensões éticas e antropológicas da dimensão humana, como alternativas diante das necessidades individuais, do contingenciamento da biologia/fisiologia humana no sentido da potencialidade da plenitude dos seres humanos, passa também pela ação educadora.

A ética potencializa a reflexão acerca da reciprocidade da responsabilidade, o respeito mútuo e, no gesto de acolhida do outro/um estranho, proporcionar, de algum modo, o prolongamento da sua experiência de vida, dos seus sonhos, dos seus desejos. A decisão da doação de ser ou não doador de órgãos traz uma relação ambígua: somos donos do nosso próprio corpo e, por ser tão nosso, doamos para o outro, nos desapegamos do próprio corpo para continuar a viver na vida do outro. Esta atitude é factível permitindo e autorizando os familiares a beneficiar indivíduos que precisam de um ou mais órgãos e respeitando a vontade do familiar doador. “É na prática de experimentarmos as diferenças que nós descobrimos como eus e tus. A rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu”, nos ensina, também neste sentido, Paulo Freire (2016, p. 97). Parece ser a educação se manifestando em sua intensidade maior. Desta forma, nos parece que essa temática precisa ser tratada nos horizontes da ética.

O nosso corpo torna-se do outro e pelo outro, pois, nesse sentido, a vida inicia com a morte. A vida é breve e sua finitude é a maior certeza. A morte nos furta o passado e nos nega o futuro. Isto envolve muitas inseguranças e medos. A morte que para diversos autores é conceituada como deixar de existir enquanto “natural”, é também circundada por diversos fatores: sentimentais, religiosos, biológicos, mas com a certeza de que somos frágeis, passageiros e contingentes. Falar sobre a morte, o fim de uma existência e, por outro lado, a possibilidade da continuidade de uma história conectada a outras histórias, pode permitir e desencadear compaixão e a solidariedade e provocar o nascimento de novos princípios, valores e atitudes. Talvez a doação de órgãos possa contribuir para ponderar e rearranjar novas prioridades, considerando no outro a possibilidade de continuar vivendo. A solidariedade, expressa no gesto da doação de órgãos, nos compromete com a nossa vida e com a existência do outro. A morte, algo inevitável, pode fazer parte do ciclo de vida.

**Evento:** XXIV Jornada de Pesquisa

#### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Retrotopia. Rio de Janeiro : zahar, 2017.

CASSOL, Claudionei Vicente. A missão da filosofia na escola básica. In.: KUIAVA, Evaldo; SANGALLI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei. (Orgs). Filosofia, Formação Docente e Cidadania. Ijuí : Ed. Unijuí, 2008.

DEMO, Pedro. Certeza da Incerteza: ambivalência do conhecimento e da vida. Brasília : Plano, 2000.

DUSSEL, Enrique. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão. 2.ed. Pe-trópolis : Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7.ed. Petrópolis : Vozes; Bragança Paulista-SP : Editora Universitária São Francis-co, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio, ou, Da Educação. 3.ed. São Paulo : Martins Fontes, 2004.

SINGLY, François de. Uns com os outros: quando o individualismo cria laços. Lisboa : Insti-tuto Piaget, 2006.